



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ADELINO NANQUE

**MULHERES KATANDERA DA GUINÉ BISSAU: UM ESTUDO SOBRE O
PROTAGONISMO SOCIOPOLÍTICO E A ESPIRITUALIDADE**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

ADELINO NANQUE

**MULHERES KATANDERA DA GUINÉ BISSAU: UM ESTUDO SOBRE O
PROTAGONISMO SOCIOPOLÍTICO E A ESPIRITUALIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharelado em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

ADELINO NANQUE

**MULHERES KATANDERA DA GUINÉ BISSAU: UM ESTUDO SOBRE O
PROTAGONISMO SOCIOPOLÍTICO E A ESPIRITUALIDADE**

Trabalho de conclusão de curso de graduação, modalidade projeto de pesquisa, apresentado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Humanidades

Aprovado em: 29 de dezembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Fernando Jorge Pina Tavares

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Paulo Gomes Vaz

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	OBJETIVOS	9
2.1	OBJETIVO GERAL	9
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
4	A ORGANIZAÇÃO SOCIAL, POLÍTICA E A FORÇA ESPIRITUAL	14
5	METODOLOGIA	16
6	CRONOGRAMA	18
	Referências	19

1 INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa visa falar de mulheres *katanderas*: protagonismo sociopolítico e espiritualidade. Nota-se que as Ciências Sociais e Humanas na contemporaneidade têm se debruçado muito sobre as lutas das mulheres nas diferentes esferas, quer social, econômica e política. Mediante isso, o artigo busca falar sobre o papel social e político das mulheres *katanderas* que fazem parte do grupo social *pepel* na Guiné-Bissau, um dos países africano que tem como a língua oficial, o português. Também, o artigo tem como propósito falar sobre a história do povo *pepel*, trazendo à tona a forma como este se organiza social e culturalmente a sua coletividade, e por outro lado, reflete sobre a relação que o povo tem com a natureza, território e territorialidade.

É notório nesse último tempo, a noção do protagonismo das mulheres nas esferas de privilégio sociopolítico. Também, no povo *pepel* podemos ver o protagonismo das mulheres *katanderas*. Diante disso, percebe-se que desde momentos primórdios da humanidade, as mulheres eram vistas como passivas, menos inteligente e que não podiam votar e de serem votadas. No entanto, essa concepção vem colocando as mulheres numa posição de subestimação de maneira que as sociedades as encaravam como se fossem práticas congênitas, antagonicamente são construções sócio-históricas e que podem ser desconstruídas. É sabido que nenhuma coletividade humana é fixa, à medida que o tempo passa, semelhantemente as sociedades humanas mudam-se no tempo e no espaço.

Diante do exposto, percebe-se que nas espiritualidades africanas, de forma geral, ancoram-se em divindades femininas que trazem a fertilidade, a prosperidade e o equilíbrio. Estas concepções cosmogônicas dão grande peso ao feminino, diferente das religiões monoteístas que exaltam UM Deus único, pai criador, associado ao masculino. Outrossim, pretendemos neste trabalho objetivar a posição que estas mulheres ocupam nas suas espiritualidades além disso, analisar o protagonismo delas no universo econômico, social e político.

Preliminarmente, gostaríamos de trazer geograficamente o país no qual esse grupo social se encontra. Segundo (Francisco 2020), a Guiné-Bissau fica localizada na costa ocidental da África, faz fronteiras com apenas dois países, ambos lusófonos tais como: Senegal (ao norte), Guiné (ao sul e leste) e é banhado de oceano Atlântico (a oeste). Também faz parte do território da Guiné-Bissau o arquipélago dos Bijagós, formado por mais de 80 ilhas. E, é um país formado por cerca de 40 grupos étnicos de acordo com o último recenseamento realizado pelo Instituto Nacional de Estatística INEC e Censo em 2009.

Sobre a história africana podemos afirmar que:

Foi escrita e contada pelos colonizadores europeus, os viajantes, missionários e dirigentes coloniais foram os responsáveis pelos primeiros relatos acerca da cultura dos povos africanos. Assim, além de serem capturados para alimentarem a escravidão colonial, estes povos foram usurpados em todos os seus direitos, incluindo o de contar a sua própria história. Falando nisso, não é à toa que na atualidade a África é considerada “berço da humanidade” devido ao fato de estudos arqueológicos comprovarem que foi no continente que surgiu o primeiro homínido, o qual, a partir daí, se expandiu por todo o globo (BEZERRA, 2021, p. 4)

Partindo desse pressuposto, antes de mais, caberia aqui uma reflexão no sentido de evidenciar que nem sempre foi possível falar de uma África. Referindo-se aqui não as áreas geográficas do continente ou então as suas complexas e diversas sociedades, mas sim ao termo/categoria “África”. Para os próprios africanos o termo e consequentemente a identidade que este conceito carrega são significados muito recentes, só a partir do fim do século XIX e meados do XX (DA SILVA 2010)

Dessa forma, chega-se à conclusão de que a África e seus povos foram, antes de qualquer coisa, invenção estrangeira, ou seja, devido essa ambiguidade em explicar a realidade do povo africano e do seu continente, você percebe que até dia de hoje, existe o discurso quer midiático ou não, de que a África é o lugar onde não existe a civilização. Em suma, a visão ocidental repleta de racismo e preconceitos tem sustentado estereótipos de que o continente africano consiste em “um país grande”, onde há somente pobreza, doenças e conflitos. Como isso, acaba deletando todas as realidade existentes no continente, desde antes da invasão colonial, como podemos ver, em muitos casos quando se fala da África, a ideia de escravidão é mais sustentada, é importante falar da escravidão, mas o mais importante de tudo, seria falar que antes dessa captura internacional, já havia existido os reinos com os seus respectivos reis e rainha, e que a história desse povo não começou apenas aqui, e muito menos são descendentes dos escravos, sim, foram escravizados.

Para isso, como eu havia falado num dos parágrafos acima, gostaria de frisar um pouco sobre a forma como as mulheres foram e ainda hoje são subjugadas como objeto e não como sujeito em todas as circunstâncias. Falando nisso, esta pesquisa visa tratar de um povo que é pepel da República da Guiné-Bissau, principalmente das mulheres *katanderas* que na realidade seria uma categoria das mulheres pepéis que são não apenas *katanderas*, mas também pela responsabilidade e representatividade que ambas têm com a comunidade pepel, quer nas decisões políticas e na arena econômica.

Mediante isso, Oyèrónké Oyèwùmí na sua obra (**divinizando o conhecimento: A questão do homem em Ifá**) traduzida por Aline Matos da Rocha Defende a ideia de que a organização social ioruba primordialmente era um sistema baseado na senioridade (idade/velhice). A tese do livro em questão, desafia a ideia de que a categorização de gênero é congênita e universal à condição humana. Autora mostra que gênero não é ontológico ao *ethos* iorubá, e assim, a presença de construções de gênero identificáveis na linguagem, na história, e nas instituições sociais, são, na melhor das hipóteses, evidências de mudanças sociais recentes, e, na pior das hipóteses, confirmação de uma imposição estrangeira. No entanto, a senioridade privilegia as relações sociais ao invés do tipo de corpo.

Partindo desse pressuposto, Guiné-Bissau possui uma herança cultural bastante rica e diversificada. Cultura essa, que varia de um grupo social para outro, passando desde a diferença linguística, a dança, a expressão artística, a profissão, a tradição musical até as manifestações culturais. Em se tratando de culturas tradicionais africanas, muito se preservou. Ademais, vale ressaltar também que boa parte destas culturas são baseadas em tradições orais, o que não significa ausência de escrita. (BEZARRA, 2021, p. 5).

Não é à toa que o intelectual malinês Hamadou Hampâté Bá nos diz na sua incrível frase o seguinte: “Cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”. Em conformidade com essa frase, a cultura do grupo social pepel passa necessariamente por esses véis. Pois, nesse, os ensinamentos são passados por meio da oralidade por uma longa tradição. Ora, a religiosidade pepel está intrinsecamente ligada à própria cultura. Nisso, uma *katandera* é muito fundamental para as práticas culturais desse povo, porque, é aquela pessoa que passa necessariamente para representar os seus familiares (linhagem) e *osai* (orixás), ou seja, tem um prestígio simbólico. Essa representatividade não é por acaso, é nítido que as categorias “homem” e “mulher” são construídas na perspectiva europeia com intuito de fundamentar as hierarquias sociais como se fossem fenômenos congênitos e não socialmente construídos.

Diferentemente De grupo social pepel, quando se fala da divisão social de trabalho, as mulheres têm um papel fundamental de grande prestígio social. Isto é, no caso de *Katandera*, a pessoa de sexo feminino escolhida para ser *katandera* no sentido de servir os orixás e de representar os seus familiares em várias ocasiões tradicionais, é somente uma das partes que se somam aos diversos arranjos que estruturam a cultura pepel. Diferentemente das outras religiões. Vale ressaltar que ninguém nasce *Katandera*, e para se tonar, os familiares recebem em forma de aviso, ou seja, um tipo de sinal por parte do divino, nisso os familiares precisam ir para as *balobas*, que seria um lugar típico a terreiro de candomblé, aonde esse povo vai para consultar os seus orixás e saber de alguns acontecimentos inexplicáveis por homens normais,

porque, não é qualquer mulher que passa por esse ritual de passagem, tudo se baseia nas linhagens. Dito em outro modo, não é espontânea, ao paradoxo, é moldado de ligações ancestrais relacionadas a guardiã da linhagem.

Em face do cenário atual, que podemos ver vários abusos sobre mulheres, e uso de discursos sexistas e racistas contra o corpo feminino, que muitas das vezes esses fatos sociais são encarados como fenômenos natos, com esta pesquisa, muitas coisas vão poder ser desconstruídas, dando outra visão a noção de mulher como um ser que merece muita veneração como parte integrante da sociedade humana, não como um mero objeto passivo. Por outro lado, o presente trabalho traz algo de novo sobre o assunto, porque como já avia falado sobre a questão de transmissão oral que se via na cultura pepel, não estou desmerecendo a transmissão oral, percebe-se que muitos desses ensinamentos que os nossos ancestrários deixaram, estão se desaparecendo, então com base nesta pesquisa, algo escrito vai passar a existir, auxiliando tanto a população guineense quanto o povo pepel, e além disso, vai poder servir de referência para o debate científico.

O meu interesse em abordar esta temática surgiu, precisamente, quando um dos meus professores pediu para que a gente debruçasse sobre a temática da pluralidade étnica nos nossos países. Eu, por ser de origem guineense e por pertencer ao povo pepel, percebi que era relevante trazer como objeto de pesquisa, mulher katandera: protagonismo sociopolítico e espiritualidade. Por outro lado, o que me motivou em escolher essa temática, deve-se ao substancial número dos meus familiares que são katanderas. Isto é, minha sobrinha, prima e tia, inclusive numa das balobas de plcak-1 comunidade onde eu nasci, eu soube que a minha tia foi a primeira katandera da mesma, o que lhe legitima ainda mais o prestígio para as futuras Katanderas.

Ainda assim, o tema possui importância no contexto atual, pois mesmo com forte evidência do eurocentrismo, mas essa tradição mantém-se. Além disso, o presente trabalho traz algo de novo sobre o assunto, pois em todas as minhas indagações não vi algo escrito a respeito deste fenômeno. Do mesmo modo, o tema possui alguma relevância política, econômica e social. Porque, a partir desse estudo, as pessoas pertencentes a essa coletividade vão poder ter acesso a sua realidade histórica tanto no mundo acadêmico servirá de referência para quem pretende abordar um assunto do tipo.

Por outro lado, os papéis têm um sistema de herança baseado no clã, ou seja, na linhagem, para entendermos como se dá esse processo de katandera, é necessário primeiramente compreendermos o processo de herança. No grupo social pepel, a herança se dá de seguinte maneira, herança essa que é diferente do mundo ocidental, não tem nada a ver com bens materiais e nem com os filhos e, muito menos a divisão de bens por uma parcela de família.

Hora, o grupo em causa se encontra em todas as cidades do país, e para seguir a lógica dos seus ancestrais, essa herança é um pouco parecida com *katandera* e é por parte dos homens, isso também se dá em forma de sinal, e a pessoa ou familiares tem de ir consultar os *orixás*, para depois seguir a cerimônia de deslocamento.

Diante do exposto, um homem que passa por esse processo de herança, vai para uma vila (bairro), de acordo com a sua linhagem, chegando aí, é dotado de todas as responsabilidades que são-lhes postas, e quando uma mulher vai passar por *katandera* vai ficar na casa dessa pessoa por questão de linhagem, e depois de um período de 12 dias ela vai embora e assumindo os seus prestígios sociais, isto é, de poder ordenar na comunidade, tem coisas que não se pode fazer sem que essa *katandera* desse a primeira e a última voz. Como a via falado logo no começo desse trabalho, quanto a organização social e divisão social de trabalho é esse. Dessa forma, retomo a tese da intelectual Oyèrónké Oyěwùmí que defendia a ideia de não superioridade na coletividade Yoruba baseado nos sexos masculino e feminino. Semelhantemente, não seria diferente na sociedade pepel, as mulheres *katanderas* são responsáveis por resolverem muitas causas sociais. Isto é, no âmbito político e econômico.

Diante de diversos grupos que se encontram na Guiné-Bissau, é possível ver que desde a era de invasão europeia, com tanta violência, com tudo isso, muitas das suas crenças e práticas culturais sofreram muitas resistências. Visto que, desde lá para cá, as lideranças dessas mulheres apresentam-se na esfera pública fazendo proposições e ganhando visibilidade do que como eram vistas com a visão estereotipada. Isto é, as autoridades locais costumam chamar as comunidades tradicionais para decidirem o rumo do país e se houver uma doença que assola o país, essas *Katanderas* vão se formando em grupo andando de *baloba* em *baloba* para pedir a proteção para o Povo guineense. Exemplo disso, quando houve surto de cólera no país, essas mulheres se mobilizaram com intuito de pedir para os seus respectivos *orixás* uma cura e um livramento total da enfermidade. Por conta disso, pretendo estabelecer em seguida neste projeto os objetivos que futuramente vou seguir para construir a esta pesquisa.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Entender os princípios cosmológicos e políticos que embasam as mulheres *Katanderas*.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Analisar a respeitabilidade como elemento que legitima o papel da mulher Katandera enquanto líder;
- ✓ Compreender como se dá o processo dessa passagem ritual;
- ✓ Indagar de que maneira só as mulheres passam por esse processo;
- ✓ Compreender a participação de katandera na construção dos eventos sociais e políticos que marcam a história da coletividade pepel;
- ✓ Analisar as relações de parentesco que constituem e mantêm os papéis de liderança;

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A república de Guiné-Bissau é um dos mais recentes Estados independentes da África Ocidental e que foi colonizado há muito tempo por Portugal, mediante o exposto, na segunda metade do século XX, Amílcar Cabral e outros companheiros fundaram o Partido Africano para independência da Guiné e Cabo Verde – PAIGC. A partir do ano de 1963, verificou-se uma luta de guerrilhas entre os guerrilheiros do PAIGC e as tropas coloniais portuguesas, culminando com a vitória do PAIGC, numa proclamação da independência política no dia 24 de setembro de 1973, nas matas de Madina de Boé situada no leste da Guiné-Bissau. Após a revolução de 25 de abril de 1974, Portugal reconheceu oficialmente a independência da Guiné-Bissau. (SUCUMA, 2012, p.132)

Dessa maneira, Amílcar Cabral na sua obra intitulada “Unidade e Luta”, traz uma metáfora e, mostra a pluralidade que se via naquele país, quer dizer, pessoas diferentes umas das outras, considerando-se cada uma diferente da outra, mas do mesmo time. E se essa equipa de futebol, no momento em que está a jogar, não conseguir realizar a unidade de todos os elementos, não conseguirá ser uma equipa de futebol. Cada um pode conservar a sua personalidade, as suas ideias, a sua religião, os seus problemas pessoais, um pouco da sua maneira de jogar mesmo, mas eles têm que obedecer a todos a uma coisa: têm que agir em conjunto, para marcar golos contra qualquer adversário com quem estiver a jogar, quer dizer, à roda deste objetivo concreto, marcar o máximo de golos contra o adversário. Têm que formar uma unidade. Se não o fizerem, não é uma equipa de futebol, não é nada (VIEIRA, 2020)

Partindo desse pressuposto, ao teorizar a luta armada na Guiné-Bissau, Amílcar Cabral evidenciou desde o início o papel fundamental das mulheres na revolução e no processo de

reconstrução nacional. O sucesso de qualquer tipo de transformação social, segundo Cabral, consistia “em constatar de que forma a mulher participa no mais amplo processo de libertação da sociedade, ainda frisa que a nossa revolução nunca será vitoriosa se não conseguirmos a plena participação das mulheres”. Era necessário partir da realidade concreta da Guiné-Bissau, da situação sociocultural e das relações de género então existentes (GOMES, 2013)

Outrossim, de acordo com Gomes (2013), a luta pela conquista dos direitos políticos e civis das mulheres na Guiné-Bissau tornou-se possível sobretudo após a criação do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde-PAIGC, movimento de libertação criado em 1956 e que acabaria por liderar o processo de independência que culminou com a declaração unilateral da independência da Guiné-Bissau, a 24 de Setembro de 1973, em Madina do Boé¹³. No seu Programa de Ação estabeleceu a igualdade entre os homens e as mulheres afirmando que “os homens e as mulheres gozam dos mesmos direitos na família, no trabalho e nas atividades pública.

Diante deste pressuposto, na época em que o país se emergiu na luta anticolonial, as mulheres desempenhavam os papéis fundamentais, tanto no disparo das armas contra o inimigo português e por cima, ajudavam em desenhar estratégias da guerra. De acordo com isso, as mulheres *katanderas* não ficavam de fora, sempre foram ativas no serviço da libertação do país, e sempre andavam conversando com os seus *orixás*, pois elas detinham esse poder social para conversar com as forças espirituais, sob a proteção do país e da sua população.

Segundo CARVALO; TUBENTO (2020) o continente africano personificado na figura de uma mãe: o matriarcado como substrato social dos povos que habitam o continente africano. “Este discurso nos é familiar quando se fala de África produtor de desenvolvimento histórico comum, algo rompido pela colonização, pela escravidão e a diáspora” (SCHOLL, 2019, p.155). Dentre outros, se tem o apagamento do saber sobre as mulheres de África, inscritas como grandes mães, matriarcas, matronas ou rainhas negras, fatos vividos na história.

De acordo com Diop (2014, p.9; p.170, apud CARVALO; TUBENTO, 2020, p. 4), “o matriarcado seria um elemento característico e gestado na sociedade egípcia; está na base da sua organização social, assim como está no resto da África Negra na forma de um “regime”. O autor, sendo um defensor da unidade cultural da África Negra, sustenta que esta, teria como base um sistema matriarcal, ou matriarcado, “compartilhado por todas as sociedades africanas e constituiria um ponto em comum na cultura e um aspecto de reconhecimento de uma unidade orgânica provinda da família a unidade mais básica da sociedade”.

Portanto, o que Diop quer nos mostrar neste trecho acima citado sobre o matriarcado africano seria uma prática social que controle toda uma dinâmica social daquela comunidade,

ou seja, a matriarcado africano tem esse viés de trazer com exclusividade de construções sociais centradas politicamente nas figuras femininas. Por outro lado, o matriarcado seria um regime social e político em que a mulher desempenha preponderante nele, o parentesco conta-se pela linha materna e o chefe da família não é o pai, mas o tio (irmão da mãe, herda-se precisamente a posição social da mãe, responsável pela educação do filho. Assim, quando é exercido pelos homens, o poder político se transmite não de pai para filho, mas sim, de tio para sobrinho (LOPES, 2019).

Mediante o exposto sobre o matriarcado africano, essa relação é vigente no povo pepel, pois como podemos ver nas definições supracitadas, o tio, nesse caso irmão da mãe tem um prestígio muito fundamental. Exemplificando isso, irmão mais novo da minha mãe, foi quem responsabilizava dos meus estudos, não conseguiria fazer nada, inicialmente sem primeiro lhe solicitar, sempre a minha mãe me falava ele não é apenas o seu tio, mas sim *aninu nhin*, que significa minha mãe macho (homem). Um outro facto da minha experiência familiar que eu gostaria de destacar neste projeto de pesquisa é o seguinte, os sobrenomes (apelidos), para eles, o sobrenome é atribuído na base das linhagens, por exemplo, existem sete linhagens nesse grupo em que cada pessoa pertence uma certa linhagem, no meu caso, a minha mãe tem sobrenome Nanque e o meu pai tem sobrenome Cá, eu por minha vez não coloquei o do meu pai, mas sim coloquei o da minha mãe que é Nanque. Partindo desse exemplo, você pode perceber o tamanho poder político e social que essas figuras maternas carregam como um centro das dinâmicas sociais que de certa forma não faria parte das dicotomias ocidentais nas perspectivas do feminino do ocidental.

Segundo Sena (2017), A História da África é repleta de exemplos de mulheres que assumiram a liderança política, militar, espiritual de suas sociedades. São elas as mais aptas a se comunicarem com as forças da natureza, a mandarem as chuvas descerem dos céus, a transmitirem conselhos dos antepassados. A espiritualidade africana, de forma geral, ancora-se em divindades femininas que trazem a fertilidade, a prosperidade, o equilíbrio: Auset, Mut, Maat (em Kemet, Egito Antigo), Oxum (Yorubá), Idemili (Igbo). Estas concepções cosmogônicas dão grande peso ao feminino, diferente das religiões monoteístas que exaltam UM Deus único, pai criador, associado ao masculino.

A provável origem do povo Pepel, que reside majoritariamente nas regiões de Bissau e de Biombo, fundamenta-se em relatos de tradição oral, já que há uma escassez de documentos escritos sobre o tema. O povo Pepel compartilha traços culturais e linguísticos com os Manjaco e os Mancanha, já que em seu passado configuravam um mesmo grupo étnico. Segundo Campos (2013, p. 6, apud PIRES, 2019, p. 32)

Estes povos estão:

todos organizados em classes de idade e praticam cultos animistas. Respeitam o princípio das organizações totêmicas em relação à filiação e ao casamento: o indivíduo pertence à geração (clã) da mãe e o casamento é exogâmico, isto é, só pode ser realizado entre indivíduos de gerações diferentes. A importância do fanado como rito de iniciação e as particularidades das cerimônias do choro também são idênticas em todos os grupos do litoral. As suas línguas também revelam raízes comuns, designadamente na sua estrutura vocabular.

Foi no período de controle efetivo português que foram institucionalizadas diferenças entre estes grupos e foi, assim, difundida a crença de que não pertenciam a uma mesma etnia. Esta foi uma das estratégias da administração colonial para dissuadir os mais revoltosos e enfraquecer o movimento de resistência à presença portuguesa em Bissau.

Sobre a origem da denominação “Papél”, Semedo (2010, p. 53) coletou o seguinte relato de uma de suas interlocutoras:

Os portugueses pagaram tributo aos régulos papéis até finais do século XIX, altura em que impuseram o pagamento dos impostos de cabeça e de palhota aos nativos. Conta-se que o nome dessa etnia estaria ligado ao relacionamento difícil com o colonizador. Os habitantes da ilha de Bissau, muito rebeldes, nunca quiseram pagar os impostos de palhota e de cabeça impingidos pelos colonizadores e, sempre que recebiam a notificação de pagamento, levavam o “Papél” diretamente à administração, reclamando serem eles os donos do chão e que por isso não deveriam pagar nada. Assim, sempre que os homens apareciam, os brancos exclamavam “ái vêm os homens do Papél”.

Tal relato evidencia que o nome pelo qual este grupo étnico é atualmente conhecido não é o nome original da etnia. Este processo de renomeação ocorreu com todos povos nativos da Guiné-Bissau. Por exemplo, “manjaco” foi uma expressão utilizada pelos ingleses para se referir aos povos do Norte de Guiné-Bissau que atacavam as embarcações europeias Semedo (2010)

A hipótese predominante (CAMPOS, 2013), com base na tradição oral, é de que a etnia Pepel é oriunda do povo Beafada. Reproduzimos abaixo um trecho de Abrantes (2011, p. 38, apud PIRES, 2019, p. 32) sobre as relações entre os Pepel e os Beafada:

Perguntando pelo parentesco entre papéis e biafadas muitas vezes obtive a resposta: «mas nós somos o mesmo!». Em Quinara é contado que os papéis, ou parte dos papéis saíram de Quinara. As fontes escritas mostram relações antigas entre biafadas e papéis. O Bispo Frei Vitoriano Portuense deixava claro que os reis de Bissau tinham relações com Guinala, e que o rei de Guinala enviava o barrete vermelho sem o qual os reis de Bissau não exerciam o poder. Teixeira da Mota, nos comentários do relato da segunda viagem do bispo dizia que «a tradição que continua a correr entre os Papéis respeitante à sua relação com os Biafadas, já porque os primeiros habitantes da ilha

teriam vindo de Guinala, já porque o famoso “irã” biafada de Buduco tem correlações com “irãs” de Bissau» (Teixeira da Mota 1974: 27). E de fato, foi-me dito pelos velhos biafadas de Buduco que «há djurçom de papel que saíram dos massim de Buduco e de Indjôdo. Das sete djurçom de papel, várias saíram dos massim. O Ilhéu do Rei, diante de Bissau, assim como Bandim, Quelelé, N’Djáta, N’tula, seriam da djurçom de Buduco. O Ilhéu dos Pássaros, Contum-Madina, Buor, Djára, também em Bissau, seriam massim de Indjôdo.

4 A ORGANIZAÇÃO SOCIAL, POLÍTICA E A FORÇA ESPIRITUAL.

De acordo com Barros (2019), na Guiné-Bissau, é nítido encontrar dinâmicas culturais importantes, por exemplo, existem grupos sociais que tem uma estrutura de gestão política orientada por lógicas de sociedades verticais e machistas. Com base numa espécie por exemplo de um regime monárquico, em que todo poder é centralizado num grupo bem restrito que na verdade acabam criando dicotomia social. Paradoxalmente, outrossim, podemos ver ali, uns que professam suas religiões de matrizes africanas, cujo modelo social é completamente horizontal. Isto é, grupo social pepel. Óbvio que a legitimidade das autoridades tradicionais do povo em questão se assenta na linhagem, ou seja, a linhagem constitui o principal critério para reconhecer o poder de uma autoridade tradicional, que a comunidade lhe consenda. E, não necessariamente com base no gênero.

Partindo desse pressuposto, percebe-se que nesse povo não existe a hierarquia de ponto de vista segregacionista, pois, a propriedade e a produtividade são coletivas, ou seja, tem todo um mundo de mobilização e de solidariedade que permite a essência da vida seja a partilha do ponto de vista coletivo. Mas tem também grupos étnicos que, tem toda sua estrutura social na base do matriarcado. Nisso, podemos entender que o grupo social pepel, é matriarcado. Porque, forma social, econômica, política e culturalmente são majoritariamente ocupadas por mulheres. Essas sociedades não são espelhos das sociedades patriarcais, invertendo o gênero dominante. São igualitárias no que se refere ao gênero, mesmo quando as mulheres estão na liderança.

No que diz respeito a força espiritual nessa coletividade pepel, os grupos sociais que se viam na Guiné-Bissau, professavam as suas crenças locais antes da chegada dos portugueses. Ora, ex-colonizador ao chegar no país, coagia a população local a deixarem de seguir as suas crenças, pois se consideravam de bruxas e, por esse motivo, deveriam ser deixadas. Mas, mesmo com toda aquela obrigação o grupo sempre o registiu. Dito em outras palavras, Guiné-Bissau desde a sua procedência foi, e é, até hoje um país diversificado em termos linguístico e cultural, tem seu sistema de sociedade, e tem suas estruturas de gestão da coletividade. Isto

significa, antes da chegada dos ocidentais, já não só existia uma civilização, mas também existia uma ideia e uma administração, (BARROS, 2019).

A maioria do povo papel segue as suas crenças locais (modo de vida dos seus ancestrais), Em certas ocasiões, em ritmo de dança, ao som de batidas de tambores, com oferendas de vegetais, minerais e sacrifícios de alguns animais, os responsáveis na baloba invocam seus orixás para que os incorporem em seus rituais. Tendo uma minoria que professa a fé cristã. Portanto, para os papéis, suas crenças determinam as principais normas que regem as sociedades. Na religião deles, existe um Uzi (Orixás) Supremo e de inúmeros espíritos invisíveis, onnipotentes, omnipresentes e omniscientes, denominado de *baloba* que pode adquirir várias formas para se manifestar e comunicar com seres humanos. Igual a outras sociedades africanas, a religião dos papéis está intrinsecamente ligada a todos os outros aspectos da cultura, considerada como um “fenômeno baseado na interação humana dada a relevância que adquirem ações, gestos e performances que se sobrepõem a dogmas e teologias.” (SARAIVA, 2003, p. 180-181)

Na religião desse grupo social, existe várias formas de fazer rituais, que não cabem ser apontadas nesse trabalho por enquanto, cabe lembrar que segundo Bezerra (2021), os Orixás são entidades que representam a energia e a forma da natureza. Desempenha um papel fundamental no culto quando são incorporados pelos praticantes com mais experiências. Possuem personalidades, habilidades, preferências rituais e fenômenos naturais específicos, o que lhes conferem qualidades e forças distintas. Afirma, um dos meus interlocutores, líder da comunidade papel sobre a religiosidade desse povo, “não existe uma fé vinculada a uma prática nessa religião, ainda salienta que o ritual é fundamental sendo imprescindível para reafirmar a fé, pois a fé, é aquele que move, motiva e, é a força.

Cada religião no mundo tem um patrono, tem pessoas das quais, os fiéis acreditam que elas podem fazer algo. Algumas religiões pela ignorância consideram o Ossai de demônio, enquanto nas suas igrejas e nas casas também estão rodeadas de figuras santas, esses santos são considerados santos porque os praticantes as consideram e evocam-nas. É mesma coisa que existe na religião Papel. M'nkau é um Santo e tido como patrono da religião e da etnia papel, como um todo.

Portanto, os papéis têm um passado de seus ancestrais que já não existem fisicamente, mas existem em espírito tendo uma forte conexão com os humanos, como se pode ver neste texto: Irans (Ossai), defuntos e pekador (indivíduo) vivem e interagem no espaço terreno, comandando os primeiros à vida dos humanos. Orixás e defuntos são pais, mães dos que

acreditam neles e lhes pedem ajuda e proteção. As sete linhagens dos papéis teriam tido sua origem em irans e defuntos (SEMEDO 2010)

É importante entender como Ossai é fundamental na religião pela força e proteção que dá e ele é presente em toda a vida dos seus seguidores, como descreve Augusto J. Santos Lima:

Idealmente, um presente, carrancudo, onnipotente, onisciente e intangível; materialmente, é “um depósito de interesses”. [...] lá está ele presente no casamento, no nascimento e na morte. Não iria muito mal se ficasse por aí. Mas vai mais longe, muito mais longe. Na sementeira, na colheita, na pesca; na higiene; na saúde, na doença; no crime; e na justiça; na guerra e na paz – esse “figurão” intervém sempre pela boca dos seus “baloeiros”. (LIMA, 1947, p. 175-176, apud SEMEDO, 2010, p.117).

5 METODOLOGIA

É evidente que desde antiguidade antes do surgimento das ciências existiam formas de saberes, dito doutra forma, antes da era científica, havia técnicas usadas por seres humanos para interpretar os fenômenos quer sociais como naturais, ou seja, antigamente existia conhecimentos, conhecimentos esses que não eram científicos quem nem hoje em dia. Percebe-se que a ciência não surgiu do nada, foi um processo de muitos estudos com a necessidade do porquê das coisas como um modo de entender e analisar o mundo através de um conjunto de métodos e técnicas. Segundo (Garcia 2015) metodologia científica é capaz de proporcionar uma compreensão e análise do mundo através da construção do conhecimento. O conhecimento só acontece quando o estudante transita pelos caminhos do saber, tendo como protagonismo deste processo o conjunto ensino/aprendizagem. Pode-se relacionar então metodologia com o “caminho de estudo a ser percorrido” e ciência com “o saber alcançado”.

De acordo com isso, para realizar qualquer que seja pesquisa científica, é necessário o emprego de técnicas de pesquisa. Segundo Gil (2006), as técnicas são procedimentos que operacionalizam os métodos e, para todo método de pesquisa, correspondem uma ou mais técnicas. Estas estão relacionadas com a coleta de dados, isto é, a parte prática da pesquisa. A coleta de dados envolve a determinação da população a ser pesquisada, a elaboração dos instrumentos de coleta e programação da coleta.

Levando em consideração ao objeto dessa temática, a nossa pesquisa contém uma abordagem qualitativa e vai se basear nas revisões bibliográficas e coletar os dados por meio do campo. Portanto, segundo Fonseca (2002), metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer

ciência. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica. Semelhantemente, a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2001) a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Por conseguinte, este projeto vai ser trabalhado com suporte no método da pesquisa bibliográfica, que na visão do Gil (2002), é um tipo de processo pelo qual muitas atividades possuem por finalidades desvenda de novos saberes no mundo científico, literário, artístico, entre outras e é racional, sistemático que tem como objetivo proporcionar resposta aos problemas propostos”. A pesquisa bibliográfica nesse trabalho, centrar-se-á na busca do aprofundamento teórico e conceitual de categorias analíticas do assunto frisado neste projeto.

Em suma, levando em conta escassez de matérias sobre esse assunto, pretendemos trabalhar com a coleta de dados por meio de entrevistas, por razão de ser um trabalho novo e sem nada escrito de antemão. Outrossim, pretendemos consultar os jornais, referências bibliográficas para que futuramente este trabalho possa servir de auxílio às gerações acadêmicas que virão e de modo geral todos os guineenses e de modo específico a coletividade pepel para que possam conhecer a realidade do seu povo contada por eles mesmas e não pelo terceiro que por ventura corra risco de distorcer a realidade das suas subjetividades.

Referências

BERNARDO, Teresinha. **O candomblé e o Poder Feminino**. Revista de Estudos da Religião ISSN 1677 – 1222.

BAROS, Miguel. **O ativista guineense que precisa conhecer**. Disponível em: <https://www.conexaolusofona.org/miguel-de-barros-o-ativista-guineense/> Acesso em: 23 de out, em 2021.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1989

BEZERRA, Juliana. “**Antropologia**”; Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/cultura-africana/>. Acesso em 15 de dezembro de 2021.

COLLINS, P. Hill. **O pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo, Boitempo, 2019.

DE SENA, C. B. **África em Cinema A utilização de filmes em sala de aula**. Brasília, DF Junho, 2017

DA SILVA, M. S. Tiago. **Caminhos e descaminhos da historiografia da História da África (1840-1990)** Juiz de Fora – MG Julho – 2010

GUINÉ-BISSAU, Instituto Nacional de Estatísticas e Censos - INEC. Guiné-Bissau em números. 2017.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. "**Guiné-Bissau** "; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/guinebissau.htm>. Acesso em 05 de set de 2021.

HAMPÂTE BÂ, Amadou. **ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: As escritas de concepção Evaristo e Amadou Hampâte Bâ**. Transversos: Revista de História. Rio de Janeiro, v. 06, n. 06, out. – mar. 2016, 68 pág.

HAVIK, P. A. **Dinâmicas das Relações de Gênero e Parentesco num Contexto Comercial: um Balanço Comparativo da Produção Histórica sobre a região da Guiné-Bissau – séculos XVII e XIX**. Afro-Ásia, 2002, pp. 79-120.

LINS, A.; CASTRO, F. Sistema de ensino x saberes práticos: violência simbólica e resistência na reprodução social de trabalhadores amazônicos. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-25, 2021.

MORIM, Júlia. **Terreiro Casa Branca / Ilê Axé Iyá Nassô Oká [2014]**. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>. Acesso em 11 out. 2021.

PRANDI, **Reginaldo**. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

PRAÇA, Fabíola Silva Garcia. **METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão**.

PIRES. António Inaida, **Onkonte pu aka epro nanha? ou, Por que a barriga pede tanto? - Estudando sistema(s) de casamento (kumar) na etnia Pepel da Guiné-Bissau**. São Paulo, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (Unicamp). 11 de março, 2019. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ifch/onkonte-pu-aka-epro-nanha-ou-que-barriga-pede-tanto-estudando-sistemas-casamento-kumar-etnia-pepel>. Acesso em: 23 de fev, de 2022.

SANTOS, D. A. S. Jaqueline. “**Mulheres de santo**”: gênero e liderança feminina no **candomblé**

SEMEDO, Maria, Odete da Costa. **Guiné-Bissau: Histórias, culturas, sociedade e literatura**. Belo horizonte: Nadyala, 2010

TRIVIÑOS, A. N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: A pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em HTTP://www.academia.edu. Acesso em 20 de novembro.